

A VIDA QUE ENTERRAMOS

ALLEN
ESKENS

A VIDA
QUE
ENTERRAMOS

ALLEN
ESKENS

TRADUÇÃO DE RENATO MARQUES
E ALEXANDRE RAPOSO



Copyright © 2014 by Allen Eskens
Publicado mediante acordo com The Fielding Agency, LLC.
Todos os direitos mundiais reservados.

TÍTULO ORIGINAL
The Life We Bury

REVISÃO
Marina Góes
Juliana Souza

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Jacqueline Nasso Cooke

IMAGEM
Jarek Wyganowski

ADAPTAÇÃO
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E73v

Eskens, Allen, 1963-

A vida que enterramos / Allen Eskens ; tradução Renato Marques,
Alexandre Raposo. — 1. ed. — Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
272 p. ; 23 cm.

Tradução de: The life we bury
ISBN 978-85-510-0244-5

1. Romance americano. I. Marques, Renato. II. Raposo, Alexandre. III. Título.

17-43304

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Dedico este livro à minha esposa Joely, minha conselheira mais confiável e melhor amiga. E também à minha filha Mikayla, por ser uma constante inspiração, e aos meus pais, Pat e Bill Eskens, pelas muitas lições de vida.

CAPÍTULO 1

Eu me lembro de ser atormentado por uma sensação de medo enquanto caminhava em direção ao meu carro naquele fim de tarde, oprimido por uma onda de mau agouro que girava ao redor da minha cabeça e se quebrava em pequenas reverberações contra o entardecer. Alguns chamariam isso de premonição, um alerta que vem de dentro, de uma espécie de terceiro olho capaz de enxergar para além da curva do tempo. Nunca fui de acreditar nesse tipo de coisa. Mas confesso que há ocasiões em que penso novamente sobre aquele dia e me pergunto: se as Moiras, deusas gregas do destino, tivessem sussurrado no meu ouvido — se eu soubesse como aquele passeio de carro mudaria tantas coisas —, eu teria seguido um caminho mais seguro? Teria guinado para a esquerda onde eu virei à direita? Ou ainda assim eu teria percorrido a rota que me levou a Carl Iverson?

O meu time de beisebol, Minnesota Twins, jogaria contra o Cleveland Indians naquela fria noite de setembro, uma partida para coroar o campeão da Divisão Central. Logo os refletores do Target Field inundariam com luzes o lado oeste do céu de Minneapolis, disparando-as noite adentro feito raios de glória, mas eu não estaria lá para ver. Era apenas mais uma coisa que eu não tinha dinheiro para fazer, vivendo do meu apertado orçamento de universitário. Em vez disso, eu estaria trabalhando na porta do Molly's Pub, espiando de relance o jogo na televisão acima do bar enquanto conferia carteiras de habilitação e abafava as discussões de bêbados — não era a minha carreira dos sonhos, mas pagava o aluguel.

Por incrível que pareça, a minha orientadora vocacional no ensino médio jamais mencionou a palavra “faculdade” nas nossas reuniões. Talvez ela conseguisse sentir o fedor de desesperança impregnado nas minhas roupas de segunda mão. Talvez ela soubesse que eu tinha começado a trabalhar em uma espelunca chamada Piedmont Club um dia depois de completar dezoito anos. Ou — e é aqui que aposto todas as minhas fichas — talvez ela soubesse quem era a minha mãe

e acreditasse que o fruto nunca cai muito longe da árvore. Apesar disso, eu não a culpava por ela não me considerar material adequado para a faculdade. Verdade seja dita, eu me sentia mais confortável sob a meia-luz de um bar do que nos corredores de mármore da universidade, onde eu andava trôpego, aos trancos e barrancos, como se tivesse trocado os pés dos sapatos.

Naquele dia, entrei no meu carro — um Honda Accord enferrujado com vinte anos de uso —, engatei a marcha e rumei ao sul do *campus*, misturando-me à torrente do tráfego da hora de pico na Interestadual 35 e ouvindo Alicia Keys em alto-falantes japoneses estourados. Quando cheguei à Crosstown, estiquei o braço para o banco do passageiro e revirei minha mochila até por fim encontrar o pedaço de papel com o endereço do lar para velhos. “Não chame de ‘lar para velhos’”, resmunguei para mim mesmo. “É uma casa de repouso ou clínica geriátrica ou algum retiro de idosos ou coisa do tipo.”

Circulei pelas confusas ruas do subúrbio de Richfield e finalmente encontrei a placa na entrada do Solar Vista da Colina, meu destino. O nome dado àquele lugar só podia ser uma espécie de pegadinha. Não tinha vista para colina nenhuma e faltava-lhe o mais ínfimo indício de esplendor sugerido pela palavra “solar”. A fachada ficava de frente para um movimentado bulevar de quatro pistas, ao passo que a parte posterior do edifício tinha vista para a retaguarda de um prédio velho e capenga. O nome ruim, entretanto, talvez fosse a coisa mais alegre do Solar Vista da Colina, com suas cinzentas paredes de tijolos raiadas de verde pelo musgo, seus arbustos malcuidados e sem ordem, e o mofo — da cor de cobre oxidado — envolvendo a madeira-branca de todos os caixilhos das janelas. O lugar estava acororado sobre o próprio alicerce, semelhante a um jogador de futebol americano agachado antes do ataque e tão aterrorizante quanto um.

Assim que entrei no saguão, uma onda de ar rançoso, carregado do aroma acre de antisséptico e urina, acertou meu nariz, fazendo meus olhos marejarem. Uma senhora de peruca torta permanecia sentada em uma cadeira de rodas, o olhar fixo em algum ponto além de mim, como se estivesse esperando que um antigo pretendente surgisse do estacionamento para carregá-la dali. Quando passei, ela sorriu, mas não para mim. Eu não existia no mundo dela, da mesma forma que os fantasmas de sua memória não existiam no meu.

Eu me detive antes de me aproximar do balcão da recepção, dando ouvidos pela última vez àqueles teimosos murmúrios de dúvidas, pensamentos petulan-

tes que me diziam para desistir daquele curso de língua inglesa antes que fosse tarde demais, para trocá-lo por uma disciplina mais sensata como geologia ou história. Um mês antes eu tinha deixado para trás meu lar em Austin, Minnesota, escapulindo feito um menino que se esgueira de fininho da casa dos pais para fugir com o circo. Sem brigar com a minha mãe, sem dar a ela a chance de tentar me demover da ideia. Eu simplesmente enfiar minhas coisas em uma mochila, contei que estava indo embora ao meu irmão mais novo e deixei um bilhete para a minha mãe. Quando cheguei à secretaria da universidade, todas as turmas com ementas decentes de língua inglesa já estavam lotadas, então me matriculei em um curso sobre biografia, o que me obrigaria a entrevistar um desconhecido. No fundo eu sabia que o suor pegajoso que pipocava em minhas têmporas enquanto eu fazia hora no saguão estava sendo causado por aquela tarefa, cujo pontapé inicial eu tinha evitado durante muito tempo. Eu simplesmente sabia que seria uma droga.

A recepcionista do Solar, uma mulher de rosto quadrado e maçãs do rosto proeminentes, cabelos bem presos e olhos profundos e resolutos que lhe davam a aparência de uma inspetora de campo de concentração, inclinou-se sobre o balcão e disse:

— Posso ajudar?

— Sim. Quer dizer, espero que sim. O gerente está aqui?

— Não permitimos vendedores aqui — disse ela, sua expressão tornando-se indiferente enquanto semicerrava os olhos para me focalizar.

— Vendedor? — Forcei uma risadinha sem-graça e ergui as mãos em um gesto de súplica. — Senhora, eu seria incapaz de vender até fogo para um homem das cavernas.

— Bem, você não é um dos residentes, não veio visitar ninguém e com certeza não trabalha aqui. O que mais poderia ser?

— Meu nome é Joe Talbert. Sou aluno da Universidade de Minnesota.

— E?

Olhei de relance para o crachá dela.

— E... Janet... eu gostaria de falar com o gerente sobre uma pesquisa que preciso fazer.

— Não temos gerente — disse Janet, olhando-me de soslaio. — Temos uma diretora, a sra. Lorngren.

— Desculpe-me — falei, tentando manter um semblante simpático. — Posso falar com a diretora?

— A sra. Lorngren é uma mulher muito ocupada, e é hora do jantar.

— Não vou precisar de mais que um minuto.

— Por que você não me explica seu projeto, e eu decido se vale a pena incomodar a sra. Lorngren?

— É um trabalho para a faculdade, para minha disciplina de inglês. Tenho de entrevistar alguém velho, quer dizer, uma pessoa idosa, e escrever uma biografia sobre ela. A senhora sabe, relatar as adversidades e as encruzilhadas e decisões que fizeram essa pessoa ser quem ela é.

— Você é escritor? — quis saber Janet, avaliando-me de cima a baixo como se a minha aparência pudesse responder a essa pergunta.

Eu me estiquei até o limite máximo do meu 1,77 metro. Tinha vinte e um anos de idade e já havia aceitado o fato de que não cresceria mais, de que chegara ao limite da minha altura. Obrigado, sr. Joe Talbert Pai, onde você estiver. E embora eu trabalhasse como segurança do pub, não era o cara parrudo que normalmente se vê em porta de boates; na verdade, entre os tipos de seguranças, estou mais para o lado dos magrelos.

— Não. Não sou escritor, só estudante.

— E estão obrigando você a escrever um livro inteiro na faculdade?

— Não. É uma mistura de escrita de texto e resumo. Alguns capítulos precisam ser dissertativos, como a introdução, o final e alguns momentos mais importantes. Mas é basicamente uma apresentação sucinta e sintética. É um projeto dos grandes.

Janet torceu o nariz de cachorro pug e balançou a cabeça. Depois, aparentemente convencida de que eu não tinha nada para vender, pegou o telefone e falou em voz baixa. E logo uma mulher de terninho verde veio andando por um corredor atrás do balcão da recepção e se posicionou ao lado de Janet.

— Eu sou a diretora Lorngren — anunciou a mulher, mantendo a cabeça erigida e firme como se estivesse equilibrando uma xícara de chá. — Posso ajudá-lo?

— Espero que sim.

Respirei fundo e relatei tudo de novo.

A sra. Lorngren ponderou sobre a minha explicação com um olhar intrigado no rosto e por fim disse:

— Por que você veio aqui? Não tem pai nem mãe, avô ou avó que possa entrevistar?

— Não tenho familiares nas redondezas — aleguei.

Era mentira. Minha mãe e meu irmão moravam a apenas duas horas ao sul das Cidades Gêmeas, a região metropolitana ao redor das cidades de Minneapolis e Saint Paul, mas mesmo uma breve visita a eles poderia ser como caminhar sobre brasas. Nunca conheci meu pai e não fazia ideia se ele ainda maculava a face da Terra. Mas sabia o seu nome. Minha mãe tivera a brilhante ideia de me batizar com o nome dele, na esperança de que a culpa pudesse levar Joe Talbert Pai a ficar por perto durante mais algum tempo, a se casar com ela e ajudar tanto em seu sustento quanto no do pequeno Joey Filho. Não deu certo. Mamãe tentou a mesma coisa quando meu irmão mais novo, Jeremy, nasceu, e deu no mesmo. Cresci tendo de explicar por que o nome da minha mãe era Kathy Nelson, o meu nome era Joe Talbert e o nome do meu irmão era Jeremy Naylor.

Quanto aos meus avós, o único que eu conheci foi o pai da minha mãe, o Vovô Bill, que eu amava. Era um homem de poucas palavras, capaz de captar a atenção e inspirar obediência com um simples olhar de relance ou meneio de cabeça, um homem que tinha partes iguais de força e cordialidade e as usava não independentes uma da outra, mas coladas. Havia dias em que eu buscava a lembrança dele, quando precisava da sua sabedoria para lidar com as marés revoltas da minha vida. Havia noites, contudo, em que o som da chuva chapinhando contra uma vidraça se infiltrava no meu subconsciente, e ele me visitava nos meus sonhos, os quais, ao final, me punham sentado na minha cama, com meu corpo coberto de suor frio, as mãos tremendo por causa da lembrança de tê-lo visto morrer.

— Você sabe que este lugar é um asilo para idosos, não? — perguntou a sra. Lorngren.

— Foi por isso que vim para cá. A senhora tem aqui pessoas que viveram coisas extraordinárias.

— Isso é verdade — disse ela, inclinando-se sobre o balcão que nos separava. De perto, pude ver as rugas que se ramificavam a partir dos cantos dos olhos e as que vincavam os lábios dela como a um leito seco de lago. E pude sentir um leve aroma de uísque na torrente das palavras que ela proferia. Ela continuou em voz baixa: — Elas moram aqui porque não conseguem viver por conta própria. Em

sua maioria, sofrem de doença de Alzheimer, de demência ou de alguma outra doença neurológica. Não conseguem se lembrar dos próprios filhos, muito menos de detalhes de sua vida.

Eu não tinha pensado nisso. Comecei a ver o meu plano fracassar. Como escrever a biografia de um herói de guerra que não era capaz de se lembrar dos seus feitos?

— A senhora não tem ninguém com memória boa? — perguntei, com um tom de voz mais lamentoso do que eu gostaria.

— Podemos deixá-lo conversar com Carl — intrometeu-se Janet, com voz estridente.

A sra. Lorngren fuzilou Janet com um olhar de relance, o tipo de olhar que você lança sobre um amigo que acabou de destruir sua mentira perfeita.

— Carl? — indaguei.

A sra. Lorngren cruzou os braços e deu um passo para trás.

— Quem é Carl? — insisti.

Janet olhou para a sra. Lorngren em busca de aprovação. Quando a sra. Lorngren finalmente assentiu, foi a vez de Janet se debruçar sobre o balcão.

— O nome dele é Carl Iverson. Foi condenado por assassinato — disse ela, sussurrando como uma menininha que fala na hora errada. — O Departamento de Correções o enviou para cá faz três meses. Ele ganhou liberdade condicional porque está morrendo de câncer.

A sra. Lorngren bufou e disse:

— Pelo visto, câncer no pâncreas é um substituto bem razoável para a correção penal.

— Ele matou alguém? — perguntei.

Janet olhou ao redor a fim de se certificar de que ninguém a entreouvira.

— Trinta anos atrás ele estuprou e assassinou uma menina de quatorze anos de idade — sussurrou ela. — Li tudo na ficha dele. Além de matar a menina, ele tentou ocultar as provas queimando o corpo dela em um galpão de ferramentas.

Um estuprador e assassino. Eu havia ido ao Solar à procura de um herói e, em vez disso, encontrei um vilão. Certamente ele teria algo para contar, mas eu gostaria de escrever sobre essa história? Enquanto meus colegas de turma apresentariam relatos da vovó dando à luz no chão sujo, ou do avô vendo John Dillinger em um saguão de hotel, eu escreveria sobre um homem que estuprara

e matara uma garota e depois incinerara o corpo dela em um galpão. A princípio, a ideia de entrevistar um assassino não caiu bem aos meus ouvidos, mas quanto mais eu pensava no assunto, mais ele me agradava. Eu vinha adiando o início do projeto fazia tempo. Setembro estava quase no fim, e eu teria que entregar as minhas anotações de entrevista em poucas semanas. Meus colegas já estavam com os cavalos na linha de largada, enquanto o meu pangaré ainda estava no celeiro mastigando feno. Carl Iverson teria de ser o meu entrevistado, caso ele concordasse.

— Acho que eu gostaria de entrevistar o sr. Iverson — declarei.

— O homem é um monstro — comentou a sra. Lorngren. — Eu não daria a ele esse gostinho. Sei que não é uma coisa muito cristã de se dizer, mas seria melhor se ele simplesmente ficasse quieto no quarto dele e morresse em silêncio.

A sra. Lorngren se encolheu diante de suas próprias palavras, as quais uma pessoa pode até pensar, mas jamais deve dizer em voz alta, especialmente na frente de um desconhecido.

— Vejam só, se eu puder escrever sobre a história dele... sei lá... talvez eu consiga fazer com que ele admita seus erros — argumentei. Eu era um vendedor, afinal. — Além disso, ele também tem direito a receber visitas, não tem?

A sra. Lorngren pareceu encurralada. Ela não tinha opção. Carl não era prisioneiro no Solar; era um residente, com o mesmo direito a receber visitas que todos os demais. Ela descruzou os braços, mais uma vez colocando as mãos sobre o balcão entre nós.

— Terei de perguntar a ele se quer receber visitas. Nos poucos meses que está aqui, só uma pessoa veio visitá-lo.

— Posso falar eu mesmo com Carl? — perguntei. — Talvez eu possa...

— Sr. Iverson — repreendeu-me a sra. Lorngren, ávida por reaver sua superioridade.

— Claro. — Encolhi os ombros como um pedido de desculpas. — Eu poderia explicar ao sr. Iverson em que consiste a minha pesquisa, e talvez...

Fui interrompido pelo tinido do toque do meu celular.

— Desculpem, achei que tinha desligado. — Minhas orelhas ficaram vermelhas quando tirei o telefone do bolso e vi o número da minha mãe. — Com licença — falei, dando as costas para Janet e a sra. Lorngren com o pretexto de precisar de um pouco de privacidade. — Mamãe, não posso falar agora, eu...

— Joey, você precisa vir me buscar! — gritou minha mãe, o arrastar bêbado das palavras fundindo-as e tornando-as difíceis de compreender.

— Mãe, eu tenho que...

— Eles me algemaram, porra.

— O quê? Quem?

— Eles me prenderam, Joey... esses putos. Vou processar todo mundo. Vou arrumar o advogado mais fodão! — Ela berrava para alguém perto dela. — Está me ouvindo, seu... puto?! Quero o número do seu distintivo. Vou fazer você perder o seu emprego.

— Mãe, onde a senhora está? — falei devagar, em alto e bom som, tentando recuperar a atenção dela.

— Eles me algemaram, Joey.

— Tem algum policial aí? Posso falar com ele?

Ela ignorou a minha pergunta e foi tragada por um vórtice de pensamentos ininteligíveis.

— Se você me amasse, viria aqui me buscar. Porra, eu sou sua mãe. Eles me algemaram. Levanta essa bunda daí... você nunca me amou. Eu amei... eu não... eu devia cortar os pulsos. Ninguém me ama. Eu estava quase em casa... Vou processar...

— Tá legal, mãe. Vou buscar a senhora, mas preciso falar com o policial.

— O sr. Puto, você quer dizer?

— Sim, mãe, o sr. Puto. Preciso falar com o sr. Puto. Passe o telefone para ele um segundo, depois eu vou buscar a senhora.

— Tá legal. Aqui, Puto, o Joey quer falar com você.

— Sra. Nelson, este momento é para entrar em contato com o advogado, não com seu filho — disse o policial.

— Ei, agente Puto, o Joey quer falar com você.

O policial suspirou.

— A senhora disse que queria falar com um advogado. Precisa usar essa oportunidade para ligar para um advogado.

— O agente Puto não quer falar com você — arrotou a minha mãe ao telefone.

— Mãe, diga que eu pedi por favor.

— Joey, você tem...

— Droga, mãe! — meu sussurro virou um berro. — Diga que eu estou pedindo por favor.

Após um instante de silêncio, por fim ela disse:

— Tá legal! — Ela afastou o telefone, de modo que mal pude ouvi-la. — O Joey está pedindo “por favor”.

Depois de um longo silêncio, o policial assumiu o outro lado da linha.

— Alô.

Falei rápido e baixinho.

— Policial, sinto muito por esta situação toda, mas tenho um irmão que é artista. Ele mora com a minha mãe. Preciso saber se ela vai ser liberada hoje, porque se não for terei que ir tomar conta do meu irmão.

— Bom, o negócio é o seguinte. A sua mãe foi presa por embriaguez ao volante. — Era possível ouvi-la xingando e choramingando ao fundo. — Eu a trouxe para o Centro de Detenção Provisória do condado de Mower para fazer um teste de bafômetro. Ela invocou o direito a dar um telefonema para um advogado antes de fazer o teste, então deveria ter aproveitado essa oportunidade para entrar em contato com um advogado, e não pedir a você que venha buscá-la.

— Eu entendo. Preciso apenas saber se ela vai ser solta hoje à noite.

— A resposta é não.

O policial limitou sua resposta de uma forma que ela não pudesse ouvir o que a aguardava. Entrei na jogada e cooperei.

— Ela vai para a desintoxicação?

— Sim.

— Quantos dias?

— Entre dois e três.

— Aí ela vai ser solta?

— Não.

Pensei por um momento.

— Da desintoxicação para a cadeia?

— Correto. Até comparecer ao tribunal para a primeira audiência em juízo.

Ela ouviu a palavra “tribunal” e começou a berrar de novo. Inebriada e exausta, suas palavras giravam e cambaleavam feito uma decrepita ponte de corda.

— Porra, Joey... vem pra cá. Você não me ama... seu ingrato... eu sou sua mãe. Joey... eles... eles... vem pra cá. Me tira daqui.

— Obrigado — falei ao policial. — Eu realmente agradeço sua ajuda. E boa sorte com ela.

— Boa sorte para você também.

Encerrei a ligação e me virei de novo para ver Janet e a sra. Lorngren me encarando como se eu fosse uma criança pequena que tinha acabado de aprender que cachorros podem morder.

— Sinto muito sobre isso. A minha mãe... ela... não está bem. Não vou poder conhecer Carl, hã, o sr. Iverson, hoje. Preciso de uma coisa.

Os olhos da sra. Lorngren se abrandaram, sua expressão se dissolvendo em solidariedade.

— Tudo bem — disse ela. — Vou falar com o sr. Iverson sobre você. Deixe seu nome e número de telefone com Janet e aviso caso ele se disponha a conversar.

— Eu agradeço muito. — Escrevi meus dados em um pedaço de papel. — Talvez o meu telefone fique desligado por algum tempo. Se eu não atender, é só deixar um recado me avisando sobre o que o sr. Iverson disse.

— Farei isso — falou a sra. Lorngren.

A um quarteirão de distância do Solar, parei em um estacionamento, agarrei o volante com toda a minha força e o chacoalhei violentamente.

— Puta que pariu! — berrei. — Porra! Porra! Porra! Por que você não me deixa em paz!?

Os nós dos meus dedos ficaram brancos, e tremi enquanto uma onda de fúria percorria meu corpo. Respirei fundo e esperei que a dor latejante na minha garganta diminuísse, que meus olhos se desanuviassem. Assim que me acalmei, liguei para Molly, a dona do pub, para avisar que eu não poderia trabalhar aquela noite. Ela não ficou nada feliz, mas compreendeu. Assim que desliguei, arremessei o celular no banco do carona e comecei a longa viagem ao sul para buscar meu irmão.

O ANO É 1980. CRYSTAL HAGEN, DE QUATORZE ANOS, é uma típica adolescente feliz. Apaixonada pelo namorado e dedicada aos ensaios de líder de torcida, ela relatava no diário os dramas e descobertas comuns da juventude. Até que a realidade brutal do mundo se impôs: com indícios de abuso sexual, o corpo incinerado de Crystal foi encontrado no galpão de ferramentas do vizinho.

Trinta anos depois, cabe a Joe Talbert, um estudante cuja missão inicial era apenas entregar mais um dentre os inúmeros trabalhos da faculdade, passar a limpo os mistérios que cercam a morte da jovem. Mas, para montar esse quebra-cabeça, ele precisa resgatar das garras do tempo todas as peças que restaram. A principal delas: Carl Iverson, o homem que foi condenado pelo assassinato.

ISBN 978-85-510-0244-5



9 788551 002445

www.intrinseca.com.br